

LUGARES DO CONHECIMENTO: AS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

IVONE JOB

Bibliotecária. Biblioteca da Escola da Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rua Felizardo 750. Jardim Botânico. Porto Alegre-RS. Brasil. CEP: 90690 200. ivonejob@yahoo.com.br

CÍNTIA CIBELE RAMOS FONSECA

Bibliotecária. Biblioteca da Escola da Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rua Felizardo 750. Jardim Botânico. Porto Alegre-RS. Brasil. CEP: 90690 200. cintiarf@yahoo.com.br

RESUMO

A identificação da biblioteca como lugar do conhecimento foi construída através dos tempos. No século XVII, na Europa, dentro da universidade, a biblioteca começava a rivalizar com a sala de conferências e o bibliotecário era um agente para o progresso do saber universal. No Brasil, somente no início do século XX é que tivemos uma universidade, a Universidade do Brasil, atual UFRJ. As bibliotecas universitárias estão, historicamente, ligadas ao saber, de forma que seria até possível fazer uma “arqueologia do conhecimento”, no sentido da expressão de Foucault, examinando os vestígios físicos dos antigos sistemas de classificação das bibliotecas. A ligação intrínseca entre biblioteca e conhecimento se dá nas múltiplas formas de divulgação das descobertas científicas e dos produtos acadêmicos. Dentro dessa finalidade a Biblioteca da EsEF da UFRGS trabalha com os valores de preservação da memória institucional e do campo de conhecimento da qual está ligada, desenvolvendo o projeto de conservação e preservação do acervo das obras históricas juntamente com o CEME. Existem obras brasileiras e estrangeiras desde 1850. O projeto está na fase final de registro das obras no SAbi. As próximas fases são: a restauração das obras, a seleção do acervo para estruturar coleções específicas como a de Inezil Penna Marinho (1915-1987) e a digitalização das obras mais importantes.

Palavras-chave: Educação Física. História. Digitalização. Conhecimento. Inezil Penna Marinho: biografia.

1 INTRODUÇÃO

Milhões de documentos são perdidos por catástrofes naturais como inundações, terremotos, enchentes, incêndios provocados ou não, guerras, preconceito sendo responsáveis pela destruição de centenas de bibliotecas no mundo. Há levantamentos realizados pela International Federation of Librarian Association (IFLA) e pela UNESCO que relatam e contabilizam o resultado dessas atrocidades cometidas contra a memória documental que narra a existência do homem no planeta. A perda de arquivos é um sério problema de perda da memória do fazer humano. Sociedades não podem funcionar sem a memória coletiva que está em seus arquivos, por isto é vital agir no sentido de revelar estas perdas que tem acontecido no mundo e há coisas que podemos fazer. (MEMORY,...1996).

O Programa Memória do Mundo foi lançado pela UNESCO in 1992 com o objetivo de preservar a herança documental dos perigos bem como democratizar o acesso aos documentos e dar-lhes uma grande difusão. O programa tem a intenção de sensibilizar pessoas e governos para a importância de proteger a herança documental.

Atualmente, das catástrofes que podemos evitar para proteger o acervo documental, o perigo mais sério está no nível de poluição do meio ambiente, na péssima qualidade do papel usado nos registros e na carência de métodos efetivos de conservação. Medidas de prevenção são geralmente traçadas por profissionais por meio de políticas de preservação. Essas incluem, entre outras: medidas preventivas para minimizar a taxa de deterioração; rotinas de limpeza “domésticas” que protegem e estendem a vida dos materiais; equipe e usuários treinados para promover e encorajar o correto uso de transporte e manuseio dos materiais; medidas de segurança e planos de contingência para controle de desastres; medidas de proteção como caixas, encadernação e embalagens para reduzir o desgaste e os cortes no material; um programa de substituição dos originais tais como as microformas; tratamento de conservação para reparar os danos dos originais e estabelecimento de procedimentos para uso do material e para reprodução dos originais.

O meio ambiente físico em que estão os materiais estocados tem um efeito significativo no seu período de vida. Condições tais como: temperatura, umidade, luz e poluição atmosférica podem afetar todos os tipos de documentos. Medidas preventivas são possíveis e podem propiciar melhores condições para a guarda dos itens. O processo de decomposição pode ser contido, consideravelmente, com a criação de condições favoráveis de estocagem, com um controle do nível de poluição do ar, com a criação de ambiente climatizado e limpo e com espaço adequado para a armazenagem. A preservação dos documentos é imprescindível para a história da humanidade e a biblioteca é fundamental dessa história. Como disse Mário Quintana:

Um dia veio a tempestade e acabou com
Toda vida na face da Terra:
Em compensação ficaram as bibliotecas....
E nelas estava meticulosamente escrito
O nome de todas as coisas!*

As bibliotecas são denominadas por Foucault, juntamente com os laboratórios, “comunidades epistemológicas”, que são os pequenos grupos, círculos, redes como unidades fundamentais que constroem o conhecimento e conduzem sua difusão por certos canais, são freqüentemente estudadas nos micro espaços em que operam. (BURKE, 2003).

Esta idéia pode ser entendida em parte pelo que as bibliotecas representaram a partir do século XVI e XVII, os espaços de divulgação das informações, semelhantes aos cafés, portos, teatros. E também pela sua proximidade com um espaço próprio do saber, que são as universidades. De modo particular, as primeiras classificações das bibliotecas universitárias revelavam a tendência de reproduzir o currículo das universidades, o que de modo algum é demérito dos seus administradores. Pode-se admitir como uma ordem natural dos livros. Esta “aparência” natural do sistema tradicional de disciplinas era reforçada pelo sistema de disposição dos livros na biblioteca. Assim as bibliotecas que sobreviveram nos permitem estudar a “arqueologia do conhecimento”, no sentido literal da famosa expressão de Foucault, examinando os vestígios físicos de antigos sistemas de classificação. Tanto catálogos de

*<http://marioquintana.blogspot.com/>

bibliotecas públicas quanto particulares, a organização dos acervos seguia frequentemente a mesma ordem, com poucas modificações. (BURKE, 2003).

A solução de distribuir os livros conforme as disciplinas de um currículo universitário era uma solução pragmática. Outras soluções foram propostas no decorrer dos tempos para ordenar os livros e também para resolver os problemas de “crises do conhecimento”, como por exemplo, nos anos das grandes descobertas marítimas, de outras terras além mar, com uma série de mapas, objetos, documentos, animais, etc, ampliando desta maneira, a tipologia de documentos e objetos que representavam um novo conhecimento, tendo sido sempre preocupação destes espaços como nossas bibliotecas e museus a sua preservação e difusão. A organização e a preservação de um acervo são ações que andam juntas, não sendo possível haver uma continuidade em se manter a memória seja de uma pessoa, de uma instituição ou de uma nação em que ambas não estejam presentes.

As bibliotecas universitárias como responsáveis pelo depósito legal e pelo armazenamento das informações geradas pela produção científica, intelectual e artística dos membros da academia têm como uma de suas missões a preservação da memória institucional. A memória presente parece não ter grandes dificuldades uma vez que há critérios já estabelecidos para itens de sua coleção, mas o mesmo não se pode dizer com relação a uma coleção da memória passada ou histórica.

Considera-se uma grande dificuldade, em relação às bibliotecas seculares e milenares da Europa e de outros países em que as universidades foram centros propulsores das idéias e inovações científicas, a despreocupação dos dirigentes governamentais do nosso país, que teve sua primeira universidade somente em 1920, a Universidade do Brasil.

A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) foi criada no dia 7 de setembro de 1920, como parte das comemorações da independência do Brasil. Inicialmente denominada Universidade do Rio de Janeiro, teve seu nome modificado para Universidade do Brasil em 5 de julho de 1937. Mas foi somente em 17 de dezembro de 1945 que conquistou sua autonomia administrativa, financeira e didática. Em 1965, o general Castelo Branco, determinou nova

mudança na denominação da instituição, que passou a chamar-se Universidade Federal do Rio de Janeiro, nome que manteve até o dia 30 de novembro de 2000 quando recuperou na Justiça o direito a utilizar o nome Universidade do Brasil. Por ocasião de sua fundação, a Universidade do Brasil/UFRJ foi formada pela reunião das seculares unidades de ensino superior, já existentes no Rio de Janeiro: a Faculdade de Medicina, antiga Academia de Medicina e Cirurgia, criada em 1808 por D. João VI; a Escola Politécnica, continuação da Escola Central, e a Faculdade de Direito, todas com vida autônoma. A essas unidades iniciais, progressivamente foram-se somando outras, tais como a Escola Nacional de Belas Artes, a Faculdade Nacional de Filosofia e diversos outros cursos que sucederam àqueles pioneiros. Com isso, a Universidade do Brasil representou papel fundamental na implantação do ensino de nível superior no país.

Portanto, somente no século XX o Brasil pode contar com uma universidade em seu sistema educacional e daí todas as atividades decorrentes de sua existência.

Os movimentos de preservação da memória são impulsionados muitas vezes por mérito pessoal de alguns dirigentes e de pessoas da comunidade, como a criação de bibliotecas, teatros e museus e que, em sua maioria, sofrem demasiadamente com a falta de recursos e de continuidade.

Na EsEF este movimento conta com as atividades desenvolvidas pelo CEME e pela Biblioteca Edgar Sperb.

2 CENTRO DE MEMÓRIA DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

O Centro de Memória do Esporte (CEME) da Escola de Educação Física (EsEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) foi implantado em dezembro de 1996 com o objetivo de reconstruir, preservar e divulgar a memória do esporte, da educação física, do lazer e da dança no Brasil. Para tanto, são desenvolvidas pesquisas históricas, exposições, mostras de fotografias, oficinas temáticas, palestras entre outras atividades. Desde 1990, a biblioteca da

Escola começou a organizar seu acervo histórico composto por obras antigas e até mesmo raras. Com a criação do CEME, esse acervo foi ampliado através da doação de livros, periódicos, fotografias, filmes, vídeos e diferentes artefatos. O Centro de Memória, além de atingir especialistas, está voltado para o público em geral, disponibilizando a documentação histórica de diversas formas: via computador, catálogos bibliográficos, exposições, mostras fotográficas, palestras, oficinas, cursos e resultados de pesquisa.

Objetivos do CEME:

- reconstruir, preservar e divulgar a memória do esporte, educação física, lazer e da dança no Brasil;
- realizar exposições e mostras fotográficas que mostrem a cultura corporal brasileira;
- possibilitar aos pesquisadores e comunidade em geral, informações relacionadas à memória esportiva brasileira.

A coleção do CEME começou, portanto, a ser formada a partir dos itens do acervo da biblioteca que tinham seu ano de publicação superior a 30 anos. Assim em 1990 todos os livros, monografias, etc com publicação até o final da década de 1960 se constituiria em item do acervo histórico, estando designado e identificado na base de dados da UFRGS com a letra **H**.

A automatização da base do Sistema de Bibliotecas da UFRGS (SBU) começou a ser implantada em 1989.

3 AS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS DA UFRGS

Em 1959 foi criado na UFRGS o Serviço Central de Informações Bibliográficas (SCIB), por força de convênio assinado entre a Universidade e o Conselho Nacional de Pesquisas, através do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD).

Em 1962 o Serviço Central de Informações Bibliográficas (SCIB) foi extinto e na mesma ocasião foi criado o Serviço de Bibliografia e Documentação (SBD).

Em 1970 foram aprovados o Estatuto e o Regimento Geral da Universidade, que previam a criação de uma Biblioteca Central, vinculada à Reitoria através da Superintendência Acadêmica. Neste mesmo ano foi criada a Comissão de Organização e Implantação da Biblioteca Central, apresentando ao Reitor da UFRGS às conclusões a que chegou.

Em 1972 foi criada a Biblioteca Central, através da Portaria nº. 1516, de 13 de dezembro de 1971, como Órgão Suplementar da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, diretamente vinculada à Reitoria, coordenando e supervisionando, sob forma sistêmica, o conjunto de Bibliotecas da Universidade, com atribuições de órgão central desse sistema bibliotecômico.

O Sistema de Bibliotecas da UFRGS é composto por 29 bibliotecas setoriais especializadas, duas bibliotecas de ensino fundamental e médio e ensino técnico e uma biblioteca depositária da documentação da ONU (Organização das Nações Unidas). A função primordial da biblioteca universitária é prover infraestrutura bibliográfica, documentária e informacional para apoiar as atividades da Universidade, centrando seus objetivos nas necessidades informacionais do indivíduo, membro da comunidade universitária. Paralelamente ao contexto acadêmico, tem compromisso com a sociedade não vinculada à Universidade que se efetiva através da prestação de serviços, proporcionando o acesso à informação, à leitura e a outros recursos disponíveis que são instrumentos de transformação dessa sociedade.

4 A BIBLIOTECA DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFRGS

A Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foi implantada a 6 de maio de 1940, mas as atividades realmente se iniciaram a 27 de maio de 1941. O regulamento da escola de 1943 faz menção a existência da biblioteca e o primeiro responsável pela biblioteca foi um professor de voleibol. Em 1945 é criada a Associação dos Especializados em Educação Física e Desportos (AEEFD), entidade aberta às pessoas que exerciam atividades na área e numa reunião do dia 5 de março deste ano foi aprovada a criação de uma biblioteca com o nome de Edgar Sperb, homenagem póstuma ao médico

Edgar Luiz da Silva Sperb que fundou o centro acadêmico da ESEF e era médico especializado em medicina da educação física. A inauguração da biblioteca ocorreu a 28 de outubro de 1946, na sede da AEEFD. Na ESEF somente no início dos anos 50 aparece, nos registros históricos, alguma referência a uma sala destinada a ser uma biblioteca, mas que na realidade era usada para reuniões. Somente no regimento de 1962 há uma referência clara à necessidade da existência de uma biblioteca dirigida por um bacharel em biblioteconomia., ficando este setor responsável também pelos serviços áudios-visuais, diapositivos, discoteca, desenhos, gráficos de interesse didático e de reprodução fotográfica. Em 1969 a UFRGS é federalizada e no decreto estabelece a criação de dois cargos de bibliotecário do quadro permanente do MEC. Em 1971 a AEEFD mudou sua sede para a ESEF e faz a doação do acervo à biblioteca, que continuou com a denominação Biblioteca Edgar Sperb. Em 1976, a biblioteca tinha 1 bibliotecário, 2 funcionários, 1506 livros, 23 assinaturas de periódicos, atendendo nos 3 turnos com cerca de 12horas/ diárias, mas uma baixíssima procura pelos usuários. Em 1989 é implantado o programa de mestrado na ESEF e vários cursos de especialização. Neste ano começam a utilização de acesso a bases de dados principalmente da BIREME e SIBRADID.

Em 1990 começou a ser organizado o acervo histórico da biblioteca reunindo obras antigas e raras em ciência do esporte e educação física e áreas correlatas. O acervo histórico foi enriquecido com a biblioteca do professor de balé clássico de Porto Alegre, João Luiz Rolla. Em 1996, outro rico acervo foi incorporado ao já existente acervo histórico, a coleção do professor e ex-diretor da ESEF, Jacyntho Targa.

Em 2000 a biblioteca é ampliada assumindo a área atual de 401m², conta com um acervo de, aproximadamente, 13.000 itens disponibilizados na base SABi, 1798 itens de produção intelectual e 68 dissertações e teses na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BVTDD) implantada em 2000.

O acervo histórico havia sido transferido para as instalações do CEME, e continuavam a ser processados tecnicamente pela Biblioteca, até que no início de 2006 com um incêndio ocorrido no ginásio ao lado do prédio do CEME houve o retorno do acervo às dependências da biblioteca. Não houve danos ao acervo e nem ao prédio do CEME, mas por motivos de segurança hoje está nas

dependências da biblioteca e a manutenção fica a cargo do pessoal da biblioteca, do CEME e de uma restauradora.

5 PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES

A fim de dar continuidade aos trabalhos de processamento técnico, restauração e conservação do acervo histórico foram planejadas atividades com a equipe da Biblioteca e do CEME e com a comunidade universitária.

Leva-se em consideração para desenvolvimento do acervo histórico alguns critérios sugeridos por Rubem Borba de Moraes (1998) para formação de uma coleção básica e de valor:

- Uma coleção precisa ter um critério, uma escolha e um objetivo;
- Planejar a coleção que se quer fazer;
- Uma boa coleção é recompensa material pela sua arte e ciência;
- Não está na cogitação de nenhuma biblioteca, a intenção utópica de possuir tudo que se publicou no assunto, no mundo;
- Todo livro que cita pela primeira vez um fato importante, marca uma data na história, tem valor bibliográfico e se torna geralmente, raro;
- Colecionar não é juntar livros
- Para se formar uma coleção homogênea sobre um assunto ou um autor é preciso ter ciência, conhecer a vida do autor, saber quando e onde publicou seus livros.

ATIVIDADES PREVISTAS

- Campanha de valorização do acervo: no início do período letivo serão expostas na biblioteca as obras do acervo histórico e serão distribuídos folhetos de como cuidar dos livros e materiais da biblioteca a todos da comunidade da EsEF. O acervo escrito histórico atual conta com aproximadamente 3000 itens entre livros, folhetos, separatas e monografias. Demais materiais como artefatos, medalhas, vestuário ficaram no espaço do CEME.

- Tratamento por coleções: as coleções do acervo histórico são muito ricas, incluindo-se a coleção de Inezil Penna Marinho, coleção de livros de dança e ballê clássicos, de danças folclóricas, de educação física de autores portugueses e dos clássicos dos séculos XIX e XX.
- Campanha para recolher verba para a restauração dos livros
- Digitalização das obras mais importantes

A coleção de Inezil Penna Marinho será a primeira a ser trabalhada uma vez que a ESeF possui praticamente todos os itens de sua produção e será futuramente depositária do acervo pessoal do autor. Para tanto alguns dados biográficos sobre o autor são essenciais para determinar a importância do autor no cenário da educação física no Brasil.

6 BIOGRAFIA DE INEZIL PENNA MARINHO

Inezil Penna Marinho (1915-1987) foi professor, editor científico, técnico do Ministério da Cultura de 1940 a 1971, membro fundador de várias associações de profissionais e escritor. Em 1950 recebeu o título de *honoris causa* da Escola de Educação Física da UFRGS, dirigida então pelo Cel. Jacyntho Francisco Targa. Recebeu este título em outras instituições como UFPR, Universidade Federal de São Carlos, Instituto Nacional de Educação Física do Peru e a medalha Rui Barbosa do governo brasileiro. Foi assistente de ensino em 1940 e em 1941 era técnico de educação, o primeiro do Brasil ligado à Educação Física, e chefe da Seção Pedagógica da Divisão de Educação Física. Filho do Cônsul Ildefonso Ayres Marinho e de Ignez Penna Marinho, o ex-aluno do Colégio Pedro II Inezil Penna Marinho desde a juventude se destacava pelo gosto pela prática de esportes e pelo interesse pela filosofia, história e poesia. Foi casado com Alice Opala e tiveram dois filhos, Inemar e Inezil Penna Marinho Júnior. Deixou vários trabalhos inéditos e manuscritos.

Como esportista chegou a ser campeão de pólo aquático pelo clube Boqueirão do Passeio e de luta livre pelo Flamengo, entre outros esportes dos quais tomava parte. Quando foi aluno da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD), entre os anos de 1941 e 1943, foi campeão universitário de pólo aquático e vice de voleibol, chegando mesmo a ser recordista universitário de atletismo.

Como 'poeta', Inezil ganhou alguns concursos. Entre eles, por exemplo, o prêmio de literatura da Academia de Ciências e Letras de 1933, com o poema 'Tetrálogo dos Cavalheiros do Apocalipse'.

Foi incentivador de ações de intercâmbio científico e profissional de cooperação latino-americana. Estruturou o pensamento pedagógico brasileiro da educação física do início do século XX consolidando o campo acadêmico e profissional do esporte. Foi presidente da Confederação Sul-americana de Associações de Professores de Educação Física de 1946 a 1948. Até 1978, pelas suas anotações já visitara 52 países de diferentes continentes onde ministrou palestras e cursos em vários deles. Formou-se em educação física, Ciências Jurídicas e Sociais, psicologia e filosofia. Foi professor catedrático da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil.

Em 1958 já tinha mais de 100 monografias e dezenas de livros publicados, muitos dos quais, em outras áreas de conhecimento. Entre 1938 e 1984 contabilizou a publicação de 92 itens entre monografias e livros. Nos congressos era comum apresentar mais de um trabalho. Já tinha também mais de 1000 artigos publicados em revistas como: Revista Brasileira de Educação Física, Educação Physica, Revista de Educação Física, Cultura Política, Boletim da DEF, Arquivos da ENEFD, entre outras.

Sua obra se destaca pelas contribuições aos estudos históricos. O primeiro estudo do prof. Inezil ligado à História da Educação Física e do Esporte no Brasil parece ter sido publicado em 1940. Em 1941, a DEF realizou um curso de informações para professores da área diplomados pelas Escolas de Educação Física ou pelos cursos de emergência.

As características dos estudos históricos no Brasil daquele momento, o prof. Inezil procedeu a uma minuciosa busca documental e apresentou um levantamento bastante amplo de datas e fatos de nossa história, tanto na Educação Física quanto no esporte. Suas fontes são as mais diversas possíveis: legislação, jornais, revistas (específicas ou não), teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e de Pernambuco (além da Faculdade de Direito), livros pioneiros relacionados à área de Educação Física e esporte, súmulas, arquivos diversos, livros sobre a história do Brasil, livros de memorialistas, entre outras.

Podem ser feitas críticas aos estudos históricos de Marinho: a) a periodização é exterior ao objeto de estudo, isto é, ligada à periodização política nacional; b) suas obras são um levantamento de datas, fatos e nomes, apresentados sequencialmente, ano após ano, sem uma preocupação maior com a análise crítica deste material; c) apresenta uma 'história oficial', onde os expoentes recebem lugar de privilégio absoluto; d) pouco se encontra sobre o cotidiano dos professores, se prendendo a abordagens macro; e) não define com clareza os objetos 'Educação Física' e 'esporte', os confundindo com qualquer manifestação da cultura corporal de movimento.

Sua obra resguardou magnificamente fatos e datas que em muitas oportunidades futuras seriam pouco valorizados nas abordagens historiográficas na Educação Física brasileira. Inezil, aliás, deixava claro em suas obras mais conhecidas que seu objetivo central era exatamente o de resguardar fontes, constituir-se em um trabalho de preservação da memória.

Seria possível ressaltar ainda: a) suas reflexões ligadas à crianças portadoras de deficiências, destacando-se seus trabalhos com crianças surdas e cegas; b) sua participação em muitos congressos no exterior; c) o período em que foi presidente da Confederação Brasileira de Desportos Universitários; d) suas contribuições para o estudo dos métodos ginásticos, inclusive a sugestão de um método brasileiro; e) sua participação na Associação de Professores de Educação Física; f) suas contribuições para o treinamento desportivo; g) suas obras na área do direito, principalmente após 1958, quando muda-se para Brasília e se dedica mais detidamente a carreira da advocacia; entre outras dimensões possíveis.

7 CONCLUSÃO

A partir do exposto é possível concluir que podemos e devemos fazer algo a respeito da preservação da memória documental porque:

- as bibliotecas universitárias têm como missão a preservação do conhecimento produzido pelos componentes da comunidade acadêmica;
- o desenvolvimento das coleções históricas deve ser planejado observando-se critérios, objetivos e fases;
- as atitudes dos profissionais das bibliotecas brasileiras devem se antecipar a preocupação dos governos e tomar a frente a preservação da memória nacional de diversas áreas, autores e temas;
- o livre acesso às obras históricas é direito de todos que estiverem interessados seja público em geral, estudiosos, curiosos, estudantes e demais pessoas, portanto, sua disponibilização via internet, em forma bibliográfica ou em forma integral e virtual é bem vinda para a difusão e democratização da informação.

REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutemberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CEME. Disponível em <<http://www6.ufrgs.br/ese/ceme/index.html>>. Acesso em: 13 jun. 2006.

GOELLNER, Silvana Vilodre. (org.) **Inezil Penna Marinho**: coletânea de textos. Porto Alegre: UFRGS; CBCE., 2005.

MELO, Victor Andrade de. **Inezil Penna Marinho**: notas biográficas. Disponível em: <<http://www.ceme.eefd.ufrj.br/apresenta/inezil.html>>. Acesso em: 13 jun. 2006.

MEMORY of the World: Lost Memory: Libraries and Archives destroyed in the Twentieth Century. Paris: UNESCO: IFLA, 1996. (CII-96/WS/1).

MORAES, Rubens Borba. **O bibliófilo aprendiz**. 3. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1998.